

ENVELHECER

Data de aceite: 01/06/2023

Maria Cristina Bressr de Campos

São duas e quinze da manhã e eu acordo como se já fossem sete e meia. Maldito remédio pra hipertensão. Agora dei pra acordar no meio da noite com a bexiga estourando. Há anos me deito cedo, sou adepta de uma vida saudável. Ou achei que era. Faz uma semana que me descobri velha. Até os cinquenta e sete anos e três meses, tinha certeza de que ainda podia tudo. Outro dia escalei um morro, verão passado peguei onda. No começo deste mês, fui parar no Pronto Atendimento de um hospital. Pressão alta. Deram-me um comprimido, fiquei quarenta minutos de castigo numa sala de recuperação cheia de idosos. Pela primeira vez, cogitei a possibilidade de ser um deles. Sem poder usar o celular, sem um livro na bolsa pra ler e encarando a ideia de finitude da minha vida, ou, no mínimo, considerando-me limitada pela primeira vez, comecei a me questionar quando foi que fiquei velha. Os primeiros fios de cabelo brancos, arranquei

com pinça. Não me incomodaram. As rugas de expressão na testa, preenchi com Restylane, o efeito dura anos. A flacidez das pernas foi uma rasteira emocional. Sempre tive pernas lindas. Era magra de coxas grossas e bunda empinada. Era magra. Não teria percebido a menopausa, não fossem os oito quilos de gordura acumulados na minha cintura. Nada de distribuição equitativa, tudo concentrado no mesmo local. Agora são três e trinta. Estou desperta como se estivesse na balada. Sem energético nem café. Insônia de quem teme não dar tempo.